

quer 3ª via, avalia diretor da Futura

Perfil



José Luiz Soares Orrico nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1953. Graduou-se em Economia pela Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal, sediada em Brasília (Distrito Federal), em 1979. Tem uma pós-graduação em Marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), que foi concluída em 2001. Em 2007, concluiu outra pós-graduação, desta vez em Gestão, e pela Fundação Dom Cabral. Em 1993, o interesse em política o levou a fundar a Futura Inteligência, um instituto de

pesquisa independente sediado na capital do estado do Espírito Santo, Vitória. O instituto de pesquisa Futura Inteligência é dedicado à produção de dados e estatísticas dos mais variados temas, com destaque para os assuntos sociais, econômicos e eleitorais do Brasil. Em 2022, a plataforma de serviços e produtos financeiros Apex Partners fez a aquisição da Futura. Atualmente, Orrico é diretor da Futura Inteligência, que divulga pesquisas eleitorais com o cenário nacional todos os meses.

ram viabilidade em nenhuma das duas candidaturas.

JC - Isso pode acontecer com a terceira via em 2026?

Orrico - O que pode acontecer em 2026 é muito parecido. Se o eleitor enxergar alguém com potencial de representar a terceira via, ele pode ir com esse candidato. Se essa possibilidade apresentar viabilidade eleitoral, vai para o segundo turno e ganha a eleição.

JC - O senhor consegue enxergar um nome da terceira via que pode alcançar esse patamar de 20% das intenções de voto?

Orrico - Diversos candidatos estão se articulando. Por exemplo, o (presidente nacional do PSD, Gilberto) Kassab trouxe três (pré) candidatos (à Presidência) para o partido dele: o governador do Rio Grande Sul, Eduardo Leite; o governador do Paraná, Ratinho Júnior; e o governador de Goiás, Ronaldo Caiado. Os três tem uma avaliação muito boa. O Caiado é o governador com maior aprovação do Brasil, 87% da população aprova a sua gestão. E o Ratinho tem 84%.

JC - E quanto ao governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo)? Como avalia?

Orrico - O Zema está correndo por fora. Ele é um governador que tem uma aprovação acima de 60%. E tem o (governador de São Paulo) Tarcísio (de Freitas, Republicanos), que, em tese, não é mais candidato. Mas, até 6 de abril (prazo que os candidatos devem se desincompatibilizar dos cargos para disputar a eleição), a gente não pode descartar ninguém, porque, no Brasil, o cenário pode dar uma cambalhota do dia para a noite.

JC - Todas essas candidaturas podem ser unificadas?

Orrico - Pode ser que eles consigam se unir em torno de uma candidatura só. Aí teriam (boa votação em) Goiás, Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais... Tem que ver se o Tarcísio vai cumprir mesmo a sua promessa de apoiar os Bolsonaro. Ou se ele apoiará a terceira via. Se tiver São Paulo, esse cara (o candidato da terceira via) vai para o segundo turno. Agora tem que ter um único candidato. Não pode ser que nem em 2022,

quando tinham dois. Dois nomes acabam dividindo o voto, e perde a viabilidade.

JC - Apesar disso, o senhor mencionou que há chance de uma eleição polarizada, na qual as pessoas votam em quem elas rejeitam menos. Como enxerga a rejeição de Lula e Flávio Bolsonaro?

Orrico - Essa é a única coisa que quase todos os institutos de pesquisa eleitoral estão iguais. O Lula varia de 48% a 51% de rejeição em todos os institutos. Tem um ou outro que não bate. De qualquer forma, nos meus 33 anos de pesquisa eleitoral, nunca vi alguém ganhar uma eleição com uma rejeição desse tamanho. Claro que o Lula é um negócio tão extraordinário que não duvido que ele consiga. Porque se você olhar, a rejeição dele é muito cristalizada. Ele tem que apresentar alguma coisa muito surpreendente para baixar a rejeição.

JC - Com essa rejeição, o Lula teria mais chance de vencer se concorrer contra outro candidato com rejeição alta. Nesse senti-

do, o Flávio Bolsonaro seria um adversário bom para o PT?

Orrico - É certo que eles (os petistas) estão escolhendo o Flávio Bolsonaro como adversário. Por quê? Porque o Bolsonaro também tem uma rejeição alta, e eles acreditam que vão colar a rejeição do Bolsonaro no Flávio. Eles também acreditam que o Flávio é um candidato mais frágil do que o Jair. Então, é nisso que eles estão apostando. Alguns representantes do PT já estão dizendo que o candidato Flávio Bolsonaro é muito forte, é mais perigoso. Eu já tinha visto alguns candidatos fazendo campanha para o adversário, mas nunca tinha visto desse jeito. Então, o PT está escolhendo o candidato. Se for o Flávio, ele tem alguma chance. Só que o episódio do Carnaval pode piorar a rejeição do presidente Lula.

JC - Se refere ao desfile dos Acadêmicos de Niterói, que homenageou o presidente Lula?

Orrico - O desfile dos Acadêmicos de Niterói foi um acinte. Aquilo é campanha descarada. Nas redes sociais, que hoje têm uma influência importante no processo eleitoral, é uma pancadaria só. Tenho a sensação que a rejeição do Lula pode aumentar um pouco. Se a rejeição dele aumentar, o Flávio vai ter que ser muito ruim (para perder uma eleição polarizada).

JC - Enxerga alguma chance de o presidente Lula não concorrer à reeleição?

Orrico - É muito fácil o presidente Lula desistir da eleição. É só dizer que teve algum problema médico. Só que, se ele fizer isso, a esquerda não tem ninguém para colocar no lugar. Até pode ter um candidato, mas vai ter menos votos do que o Lula teria. Além disso, o PT não é um partido que aceita não ser protagonista. Então, se o Lula não for candidato, é difícil o PT aceitar o Geraldo Alckmin (PSB) como candidato. Então, sem o Lula, a esquerda teria muita dificuldade na eleição presidencial. Nesse cenário, muito possivelmente, teríamos o centro e a direita disputando a eleição. E aí seria mais provável a vitória do centro.

JC - Historicamente, nos anos eleitorais, os governos fazem mais investimentos. Conseguem enxergar alguma área onde novas obras podem fazer a diferença nas eleições?

Orrico - Essa dinheirama que é colocada na conta das pessoas

via Bolsa Família, financiamento para os estudantes, vale-gás e outros programas pode fazer a diferença. Esses programas melhoram a vida das pessoas. Tanto é verdade que, no final do governo Bolsonaro, o País estava com alto índice de famintos, e aparentemente o Brasil saiu disso no governo Lula. Ou seja, toda essa ajuda governamental melhorou a vida das pessoas. Em compensação, isso gerou um outro problema, que é o déficit fiscal.

JC - O déficit fiscal deve diminuir os investimentos em ano eleitoral?

Orrico - Certamente, isso não vai permitir grandes coisas nesse ano. Pode ter uma ajuda ou outra, mas não será grande coisa. Além disso, ele (Lula) enfrenta um Congresso Nacional desfavorável a ele. Então, deve ser muito difícil aprovar coisas que fariam bem ao governo, eleitoralmente. E, volto a dizer, o impacto tem que ser em quem rejeita o presidente. Nesse momento, quem rejeita o presidente é em torno de 50% do eleitorado.

JC - A chave para a vitória de Lula seria diminuir a rejeição do eleitorado?

Orrico - Ele tem que trabalhar essa rejeição. O Lula não precisa trabalhar em outra coisa que não seja na rejeição. A rejeição dele vem de quem tem um salário maior. O Lula está mais confortável entre a população com até dois salários-mínimos. Acima disso, a rejeição a ele aumenta.

JC - A economia é um tema que sensibiliza o eleitorado?

Orrico - Certamente. Sensibiliza. Mas não é o único tema. Acredito que, nessa eleição, vamos ter o tema da segurança muito presente. A direita deve trazer esse assunto, porque ele é muito ruim para o PT. A oposição coloca muito bem (a responsabilidade pela violência) no colo do PT, porque o partido luta pelos direitos humanos, pela igualdade de sexo, essas bandeiras. Mas veja aquele evento do Rio de Janeiro (em que 117 pessoas foram mortas em uma operação policial na Favela do Jacarezinho). Antes daquele episódio, o governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro (PL), tinha mais ou menos 30% de aprovação e mais de 50% de avaliações negativas. Aquele evento fez virar (a popularidade do seu governo). O governo Cláudio Castro passou a ter quase 50% de ótimo ou bom e pouco mais de 20% de ruim ou péssimo.